

UM MUNDO MÁGICO DA LEITURA: os contos e encantamentos na alfabetização

Islen Barbosa Ramos Machado

Eixo temático :3 - Alfabetização e Infância

Resumo: O presente relato de experiências apresenta as contribuições no campo da alfabetização na construção de um projeto de leitura e escrita onde brincadeiras, jogos e contos de encantamentos permearam toda a prática em sala de aula promovendo conhecimento e interação. Ele foi desenvolvido na turma de alfabetização, com crianças de seis a sete anos de idade, em uma Escola Municipal do Rio de Janeiro. A motivação para essa experiência pautou-se pela necessidade de oferecer livros variados que atendessem aos interesses dos alunos para desenvolver a prática e a socialização da leitura. Teve como objetivos contribuir para a formação lúdica de leitores, estimular o hábito e o gosto pela leitura e socializar a leitura. A turma se envolveu e participou ativamente neste trabalho, o qual permitiu ampliar o vocabulário dos alunos, contribuindo também para o desenvolvimento da oralidade, valorização das práticas de letramentos bem como para uma escrita mais aprimorada e criativa. Ao final, tínhamos alunos mais motivados pela leitura e que se arriscavam mais dialogicamente na escrita.

Palavras-chaves: alfabetização; literatura-infantil; lúdico; escritas.

Introdução

Estar na sala de aula não pode ser o lugar do comodismo e da apatia pedagógica. O tempo e as experiências com as crianças despertam minha compreensão de que ensinar a ler e a escrever não é uma tarefa fácil nem para os mais experientes em alfabetizar e que não se limita apenas à escola porque aprender envolve processos complexos e diversos e a criança já tem sua leitura de mundo antes da escola.

Pós em Educação Básica nos Anos Iniciais no Colégio Pedro II e Mestranda do PROFEPT no mesmo colégio-Aluna Especial no Programa de Mestrado do Cap-UERJ. Aluna ouvinte no mestrado da UFF. Pós em Educação Especial e Inclusiva- Cândido Mendes. Pós em Orientação Educacional e Pedagógica. Pós em Neuroeducação-SJT. Professora da Educação Básica do Município do Rio de Janeiro. Contato: islenmachado@gmail.com

Aprender com as crianças, é respeitar seu tempo e saber que antes mesmo de segurar um lápis, elas já rabiscam, escrevem de forma espontânea e brincam com letras, números do celular. Não chegam à escola como um livro em branco, pensamento de alguns teóricos behavioristas, como John Locke, que acreditava que a criança nasce como uma tábula rasa, sem nenhum conhecimento.

A autora Emília Ferreira (1985) corrobora com minhas reflexões quando escreve que “por trás de uma criança que segura o lápis e escreve, de um olho que lê e de um ouvido que escuta, está um sujeito que pensa sobre a escrita” (p.68).

Minha caminhada na educação teve seu início no instituto de educação Roberto Silveira, em Duque de Caxias, em 1995, uma escola de formação de professores. Quando chegou a época de fazer os estágios nas escolas, deparei-me com situações novas que não tinha aprendido na formação e percebi que a dinâmica em sala de aula era totalmente discrepante de tudo que a teoria e autores defendiam, mesmo entendendo que teoria-prática se coadunam.

2 Fundamentação teórica

Muitos questionamentos foram elaborados a partir das primeiras experiências em sala de aula: Como ensinar uma criança que não para de te chutar? Que tem seu comportamento agressivo o tempo todo? Um sujeito marginalizado pela invisibilidade familiar e social. Como favorecer um espaço afetivo e alfabetizador diante da agressividade? Como usar o lúdico e uma alfabetização discursiva? Tantos questionamentos que me acompanharam no início da formação e que até hoje alguns não foram respondidos porque Em 2004 ingressei na Universidade Augusto Motta (UNISUAM) na graduação em Pedagogia. Os três anos de estudo na graduação contribuíram muito para minha formação.

Mesmo depois de formada em pedagogia, novos questionamentos foram elaborados ao longo da minha experiência profissional.

Esse anseio e investimento na minha formação é contínuo porque sei da minha responsabilidade enquanto professora ser uma pesquisadora da minha prática e por isso em 2017 ingressei no Programa de Residência Docente (PRD) no Colégio Pedro II.

A realidade da escola em que atuo, os problemas e dilemas encontrados enquanto professora alfabetizadora são os mesmos de muitos professores que lecionam na rede pública de ensino. Refletir sobre os processos de aprendizagem da leitura e escrita de crianças, a partir do registro de um projeto pedagógico e compartilhar essa experiência, penso que as provocações e os muitos sentidos que há nessa experiência ajudem professores a revisitarem

sua prática com carinho. Muitas vezes, culpabilizamos a realidade de vida das crianças pela sua não aprendizagem, mas deixamos de lado a reflexão sobre nosso ensino, nossas práticas e a relação com os sujeitos, e quando o ano letivo se encerra possivelmente teremos crianças que não conseguirão dar conta de um currículo sem sentido e repleto de cobranças. Apesar de Magda Soares (2012) ter feito a distinção entre os termos alfabetização e letramento, ainda identifico práticas alfabetizadoras que privilegiam o ensino de unidades menores da palavra (sílabas, letras) deixando de lado a leitura em sala de aula e a presença de diferentes textos que circulam na sociedade.

Nesse sentido, observo que a realidade de diversas escolas, particularmente onde trabalho, crianças que ainda não estão alfabetizadas, há necessidade de projetos de leitura, assim como a importância do registro docente e revisão de suas práticas.

Em 2018 participei do grupo do EPELLE na UFRJ (Encontros de professores de estudos sobre letramento, leitura e escrita) com a professora Ludmila Thomé. Foram dias encantadores e foi possível compartilhar os nossos fazeres docentes em sala de aula, práticas que são bem-sucedidas ou não. Ter a oportunidade de dialogar com a academia sobre nossos medos, nossos alunos, nossas práticas vão ao encontro de nossas pesquisas enquanto professor reflexivo e nos impulsiona a não olhar apenas para as dificuldades conforme Vygotsky afirma, porque pode nos paralisar, mas olhar as possibilidades abrem caminhos e não nos engessam.

Acredito que aprender não acontece apenas na escola, os saberes nos rodeiam, aprendemos o tempo todo em todos os lugares. A criança tem o direito de viver sua vida criativamente, de acordo com o psicanalista Winnicott (1975), precisamos sempre ver o mundo com novos olhos o tempo todo, metaforicamente, esse olhar nos faz caminhar pela mesma rua e olhar para ela como se fosse a primeira vez, a educação traz esse encantamento.

3 Metodologia

Pensando assim, todos os dias contava histórias infantis, principalmente os contos de fadas, e valorizava as tentativas de leitura e de escrita, oportunizava intencionalmente momentos da literatura em que seriam leitores.

As crianças foram incentivadas a escreverem e lerem da forma que soubessem e através de relato das atividades criamos coletivamente um projeto de leitura e escrita intitulado O MUNDO MÁGICO DA LEITURA E ESCRITA.

Como etapas desse projeto de leitura e escrita; momentos lúdicos com músicas,

vídeos, jogos e dramatizações. As produções de escritas infantis das crianças foram realizadas no espaço de sala de aula, não necessariamente sentados enfileirados, o momento era livre e as mediações eram feitas o tempo todo. Os textos foram dialogados durante todo o processo com o objetivo de acompanhar e mediar avanços e as tentativas de cada aluno. Fizemos o encerramento do projeto com uma festa onde a convidada de honra foi a bruxa, uma personagem popular que encantou ainda mais a turma com a sua presença. A turma se encantou pelo livro “Bruxa, Bruxa, venha à minha festa”, de Arden Druce e envolveu-se no mundo imaginativo e criativo. Acredito que quanto mais emoção na leitura, mais fácil será para o aluno aprender, pois só fica gravado na memória o que é prazeroso.

Com essas atividades trabalhamos o projeto de forma bem lúdica onde os alunos puderam ser autores de um livro com frases a partir dos contos lidos, escrevendo espontaneamente.

Nesse projeto pude acompanhar os processos de idas e vindas da escrita das crianças, suas tentativas e erros e os avanços. Organizei em sala grupos de alunos de forma que pudessem interagir e aprenderem juntos. Trabalhei com reagrupamentos, onde os alunos que já estavam escrevendo com mais autonomia ajudavam os outros do grupo. Para Freire (1996), “quem ensina aprende ao ensinar. E quem aprende ensina ao aprender” (p.25). No dia em que me fantasiei de bruxa e contei a história, “Bruxa, Bruxa por favor venha à minha festa”, foi um dia muito especial e registrei algumas falas:



Figura 1 Festa com a Bruxa

“Aí, estou ansiosa para a festa”.
“A festa vai ser assustadora”.
“Eu queria que nunca tivesse acabado”
“Tia, adorei a nossa festa. Obrigada.”



Figura 2 Contação de Histórias, jogos, brincadeiras...

Durante o período de duração do projeto, trabalhamos na roda de leitura muitos jogos, como Had Spinner, que adaptei com personagens das histórias infantis contadas pois de acordo com o pensamento de Abramovich (1989):

(...) é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas

histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo. (p.16).

Iniciamos as atividades com os contos infantis que foram desenvolvidos em sala de aula, encadernei suas produções de escritas, como se fossem um livro.

4 Resultados e Discussão

Tive a oportunidade de conversar sobre essa experiência no 1º Fórum Estadual de Alfabetização do Rio de Janeiro-FEARJ/ UFRJ e dialogar sobre práticas bem-sucedidas, mas também erros que me constituíram na minha caminhada na alfabetização e que por causa deles busquei outros lugares em que minha prática afetasse positivamente a mim e aos alunos. Estudar tem sido o melhor lugar para ressignificar minha docência, não significa que não errarei, mas os danos serão menores. Com o resumo que mandei para o FEARJ, fui convidada a ampliar o resumo para participar da publicação de um livro. Nesse dia conheci a professora Marlene Carvalho, que é referência na alfabetização e compartilhei algumas das minhas angústias em sala de aula.

Em outubro/ 2018 convidada pela Câmara Municipal dos Vereadores para participar de uma homenagem em uma cerimônia junto com outros colegas de outras escolas, intitulado Ao Mestre Com Carinho. Recebi uma Moção na categoria Professor Alfabetizador, sendo a única professora nessa categoria da minha Coordenadoria Regional de Educação (CRE). A diretora e as coordenadoras da 5ªCRE prestigiaram esse meu momento encantador que ficará eternizado em minhas memórias afetivas.

Também fui homenageada pela ALERJ no Prêmio Paulo Freire na categoria das práticas bem sucedidas no auditório da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o que teve um impacto imensurável na minha vida porque falar de Paulo Freire é alimentar a esperança que não é por espera, mas uma necessidade ontológica.



Figura 3 FEARJ/UFRJ



Figura 4 Moção



Figura 5 Prêmio Paulo Freire

5 Considerações Finais

A busca pelo pensar reflexivo nos emancipa e nos torna mais habilidosos na organização das atividades, planejamento das ações, controla a impulsividade e ajuda o aluno a pensar criticamente. Sendo assim, tenho participado de grupos de estudos, dos programas de mestrado como aluna especial e ouvinte estudando melhor o campo da Alfabetização, autores referências e a Linguagem porque entendo que pensar coletivamente nos possibilita enunciar nossas incertezas, Freire afirma que, para pensar certo, é preciso que estejamos não muito “certos de nossas certezas”, é preciso estar aberto ao conhecimento que se instaura como novo e não dar crédito demais ao saber que se “fez velho” (FREIRE; 1996, p.28).